

Michel Silva

(org.)

Cruzando universos:

representações dos super-heróis no tempo presente

1ª Edição
São Paulo
Todas as Musas
2019

Thesis of English Language and Literature Course) – Department of English and American Studies, Masaryk University, Czech Republic, 2018. Disponível em: <https://is.muni.cz/th/hy59w/thesis_-_Vostrezova.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2018.

8 *Punisher: Si vis pacem, para bellum*

José Duarte
Ana Rita Martins



Frank Castle: It's been five months since my family was killed. I don't see ONE man in jail.

Police Chief Morris: Obviously you're upset...

Frank Castle: Upset? Is that the word? I used to get upset. When I got a flat tire, when a plane was delayed. I used to get *upset* when the Yankees won the series. So if that's what upset means, what am I feeling now? If you know the word, tell me because I don't.

The Punisher (2004)

INTRODUÇÃO: "I KILL ONLY THOSE WHO DESERVE KILLING..."

Surgindo pela primeira vez em 1974, pela mão de Gerry Conway (escritor), John Romita Sr. e Ross Andru (ilustração), em *The Amazing Spider-Man #129*, *The Punisher* (ou *O Justicheiro*) tem vindo a ser uma personagem cada vez mais acarinhada pelos fãs, o que é notório com a recente adaptação para televisão por via da Netflix. Apesar de não ser tão popular quanto outros super-heróis – como será o caso de Spiderman ou Captain America –, este tem permanecido como um dos ícones mais duradouros da subcultura dos Comics, como nota Kent Worcester (2012, p. 331).

Contudo, e ainda como acrescenta o autor, durante a primeira década da sua existência, *The Punisher* é quase sempre uma personagem secundária, chegando mesmo a ser antagonista de Spiderman. É apenas em 1986 que, com *Circle of Blood*, surge uma história sua. Escrita por Steven Grant e ilustrada por Mike Zeck e Mike Vosburg, a série de cinco números explora a vida de Frank Castle, o homem que se tornou *The Punisher*. Uma aposta arriscada da Marvel que iria dar os seus frutos, pois Punisher tem sido uma personagem constante neste universo cuja dimensão aparenta nunca diminuir.

Num momento em que Hollywood investe grande parte dos seus esforços em trazer os super-heróis para o grande ecrã (com o Universo Marvel e o Universo DC), é importante refletir sobre o primeiro super-herói da Marvel cuja história foi transposta para o grande ecrã¹. Por

¹ Não querendo prolongar-nos nesta questão, a afirmação aqui apresentada depende de uma questão de perspectiva, pois antes de *The Punisher* (Mark Goldblatt, 1989) outras histórias de super-heróis foram transpostas para

isso, e, também, por não ser um super-herói ao qual tenha sido dada grande atenção por parte da academia, Punisher carece de uma análise aprofundada.

No entanto, dado o escopo deste capítulo, o estudo aqui apresentado não poderá cumprir essa missão, mas não deixa de tentar contribuir para a mesma. Assim, este texto pretende, por um lado, fazer uma breve reflexão sobre a personagem criada por Conway – focando-se em algumas das suas características principais –, para, em seguida, traçar o seu percurso no cinema e na televisão. Deste modo, dividimos a análise em três grandes momentos: no primeiro investigamos as origens e características de Punisher; no segundo e terceiro exploramos as diferentes adaptações cinematográficas para, finalmente, num último momento nos debruçarmos sobre a mais recente adaptação para televisão produzida pela Netflix. Antes de mais, será necessário tentar responder à pergunta: “Quem é Punisher”?

THE PUNISHER

Uma rápida pesquisa on-line dá-nos conta da biografia de Punisher. Nascido Frank Castle, este é um homem marcado pela morte da mulher e filha às mãos da máfia após terem testemunhado um assassinato². Perante a inércia da justiça e da lei, Castle vingá-se pelas próprias mãos dos que mataram a sua família tornando-se, assim, *The Punisher*.

O seu *modus operandi* inclui a utilização de vários tipos de armas de fogo – graças à sua formação militar –, e é marcado por bastante violência. Ao contrário de outros super-heróis, o que melhor caracteriza Castle/Punisher é a sua natureza brutal e a forma como mata sem qualquer tipo de constrangimentos, o que não que significa a ausência de um código moral.

filme, mas nunca para o grande ecrã. Para uma melhor compreensão desta questão sugerimos a leitura de um artigo *online* no site *Den of Geek*, disponível aqui: <<http://www.denofgeek.com/us/movies/the-punisher-246961/the-punisher-the-bloody-legacy-of-marvels-first-superhero-movie>>.

² É de notar que na mais recente adaptação televisiva produzida pela Netflix, a morte da família de Frank Castle está intrinsecamente ligada ao passado militar do herói, tema que será abordado mais à frente.

The Punisher trava batalhas sobretudo com mafiosos, corruptos ou diferentes criminosos, mas o faz com métodos pouco comuns que contrastam com os dos outros super-heróis apresentando, por isso, uma interessante redefinição da figura do herói.

Note-se, em primeiro lugar, que Punisher é considerado super-herói porque, como aponta Worcester (2012), está inserido num universo de super-heróis. Porém, a forma como contorna a lei e faz justiça com as próprias mãos, afasta-o deste conceito. Para além disso, *The Punisher* não possui propriamente superpoderes³, estando mais próximo do real que os seus pares⁴. Movido pela vingança e por um sentido mais prático de justiça, Punisher é fruto de um período específico da cultura americana e, como tal, é revelador de um momento em que é notória uma maior preocupação com o lado sombrio do ser humano⁵.

De um ponto de vista histórico e cultural, os Estados Unidos da América atravessavam um momento conturbado marcado por: 1) a Guerra do Vietnã (na qual a personagem de Castle participou); 2) a grande descrença no governo e nas instituições que aplicavam a lei e; 3) um aumento gradual da violência, em particular nas grandes cidades. Ao mesmo tempo, os Comics também respondiam a este momento distanciando-se das criações da “Silver Age” e introduzindo

³ De acordo com Peter Coogan, existem três elementos que definem o super-herói, são eles: a missão, que deve ser altruísta e pró-social; os (super)poderes, como capacidades extraordinárias, tecnologia avançada ou habilidades físicas, mentais ou místicas fora do comum; e a identidade, por norma dupla e incorporada num nome de código e fato icónico (2009, p. 77). Todavia, adverte o autor, existem super-heróis que não partilham de todos estes elementos, como nos parece ser o caso de Punisher, pois, embora tenha uma missão e, enquanto Castle/Punisher, uma identidade dupla simbólica, para além do seu treino militar, não possui quaisquer poderes excecionais.

⁴ Em *American Theology, Superhero Comics, and Cinema* (2013), Anthony Mills chega a fazer uma comparação entre Frank Castle (*The Punisher*) e Bruce Wayne (Batman), pois em ambos os casos a perda da família resulta na criação do herói. Peter Coogan (2006) aponta também a forma como, ao longo do tempo, Punisher envelhece (embora continue a lutar contra o crime), o que o torna mais humano e real e mais próximo dos seus leitores.

⁵ A sua indumentária, aliás, coloca em evidência esse lado mais obscuro do ser humano: *The Punisher* veste-se de preto e branco e usa uma *t-shirt* com uma caveira estampada (uma possível referência à morte que vem buscar criminosos).

personagens anti-heroicas, como exemplifiquem duas obras chave que marcaram esta mudança na década de 80: *Batman: The Dark Knight Returns* (Frank Miller, 1986) e *Watchmen* (Alan Moore, 1986).

A história de Punisher parece anteceder o que viria a ser recorrente na maior parte destas criações: espaços marcados por uma atmosfera de decadência, influenciados por uma estética sombria e *noir*, onde a violência impera e é combatida por heróis traumatizados e marcados psicologicamente. Estes são também heróis que, de acordo com Barina William Donovan (2010, p. xiii), entravam em conflito com as figuras da autoridade e se rebelavam contra o status quo. Consequentemente, a luta contra as forças opressoras não pode ser feita de outra forma a não ser por via da violência, o que inscreve Punisher – como outros super-heróis deste período – no mito do vigilante, tal como descreve John Cawelli:

When it becomes evident that the police, the courts, and society in general cannot either protect the innocent or avenge acts of criminal violence, then the vigilante must himself become the law. Since he is only an individual (or a small group without legal authority), his only possible means of securing justice is counter violence. With no court but his own judgment, his only choices are either to destroy the antagonist or let him go. Since failure to destroy the villain will only free him for further evil deeds – the community being either helpless or in some way supportive of the criminal – the hero must confront and destroy the criminals through violence, usually a considerable skill with guns (1975, p. 532).

Assim, e ao contrário de outras personagens, Punisher – o Justiciero – não hesita em realmente castigar quem comete crimes, preferindo resolver o problema de uma vez por todas, o que dificulta por vezes a sua distinção dos vilões que combate. Ainda segundo este autor, o mito do vigilante é recorrente durante a maior parte do séc. XX, especialmente em géneros como o *western* ou narrativas urbanas.

Punisher representa uma tendência que também já se tinha vindo a verificar no cinema dos anos 80, período essencial para o cinema de ação de Hollywood (DONOVAN, 2010, p. x), onde o tema principal é a violência. *The Punisher* é uma banda desenhada que pode ser integrada neste contexto, em particular porque durante as décadas de 70,

80 e 90, o cinema de Hollywood é caracterizado por personagens duras que combatem o crime e a corrupção de forma violenta.

Arnold Schwarzenegger, Chuck Norris, Clint Eastwood, Dolph Lundgreen ou Sylvester Stallone são apenas alguns dos exemplos. As personagens interpretadas por estes atores respondiam ao período Reagan, incorporando uma atitude individualista e de desconfiança para com a lei. Eram retratados, modo geral, como sendo fisicamente musculados e os seus atos violentos perfeitamente justificados: quando tudo falha, então, o (anti)herói faz justiça pelas próprias mãos.

Os filmes de ação davam conta de uma América cujos heróis (traumatizados) não eram vistos como fracos, mas sim como um exemplo de força e determinação (TASKER, 2015, p. 142). A primeira adaptação cinematográfica de *The Punisher*, datada de 1989 e dirigida por Mark Goldblatt, explora alguns destes temas.

1989: O PUNISHER ORIGINAL

A popularidade do primeiro filme dedicado à história de Frank Castle não é muita, em particular porque, apesar de ter tido um curto período de exibição a nível nacional, foi diretamente para vídeo. Apesar de ter sido lançado originalmente em 1989 – três anos depois da sua aparição solo no mundo dos Comics e no ano em que Reagan terminaria o seu segundo e último mandato enquanto presidente dos Estados Unidos da América –, o filme apresenta muitas das características apontadas anteriormente.

The Punisher não segue a história original relatada em *Cold Blood*, pois começa cinco anos após a morte da família de Frank Castle. Para além disso, nesta versão Castle é um ex-detetive e não ex-militar. Dado como morto, Punisher vive nos esgotos de Nova Iorque e continua a lutar contra o crime e a corrupção na cidade. Influenciado por uma estética muito próxima do *neo noir*⁶, o filme explora em grande parte o tema da violência e da imoralidade.

A utilização de um ator como Dolph Lundgreen que, anos antes teria em Drago (*Rocky IV*, Stallone, 1985) um dos seus grandes papéis,

⁶ Um dos filmes que pode ter influenciado *The Punisher* foi *The Big Heat* (Fritz Lang, 1953).

é relevante. Embora não tão musculado quanto em outros filmes, talvez até para justificar a sua normalidade perante outros super-heróis, Lundgreen consegue absorver características de outros protagonistas de filmes de ação anteriores com uma narrativa semelhante. É de des-tacar também como, do ponto de vista formal, este é talvez o filme que mais se aproxima de uma estética similar à do objeto que adapta, a começar pelo cartaz promocional do filme. Nele, podemos ver Frank Castle todo vestido de preto — sem o desenho da caveira na *t-shirt* que se tornaria icônico —, com várias armas de fogo e onde se pode ler a seguinte frase: “Judge. Jury. Executioner. All in a day’s work” sublinhando a forma como Punisher é a lei e, ao mesmo tempo, contorna a lei: Punisher vive à margem da sociedade, o que é uma característica comum dos anti-heróis. Por baixo da imagem de Lundgreen surge, em letras azuis, muito ao jeito dos videojogos dos anos 80, “The Punisher”.

Nesta primeira obra, Punisher é obrigado a alinhar com a máfia de modo a poder eliminar a maior ameaça para a cidade: os Yakuza. Filhado num período de grande violência nos Estados Unidos, e quando a máfia italiana estava sob o escrutínio governamental, este filme demonstra como a personagem de Punisher tem também sido usada para responder, de alguma forma, ao momento em que está inserida. No filme, a parceria com Gianni Franco (Jeroen Krabbé) — o líder da máfia — não é duradoura e Punisher acaba por o matar deixando uma importante mensagem no final ao filho de Gianni, bem como a todos aqueles que tentam tirar partido de situações ilegais: não há escapatória possível.

Este é um herói que não se importa de tomar medidas extremas para resolver o problema do mal, sintoma também do momento que se atravessava a nível global com a tensão sentida devido à Guerra Fria. Foi necessário esperar 15 anos para que Castle regressasse ao grande ecrã com Punisher de Jonathan Hensleigh (2004).

2004 e 2008: THOMAS JANE E RAY STEVENSON INTERPRETAM
FRANK CASTLE

Podrá ser encarado como pouco ortodoxo juntar os dois filmes, *The Punisher* (Jonathan Hensleigh, 2004) e *Punisher: War Zone* (Lexie Alexander, 2008), mas estão ambos interligados tematicamente embora sejam realizados por diferentes cineastas. O primeiro é realizado por Jonathan Hensleigh, nome conhecido no cinema devido a filmes de ação-aventura, em particular aqueles que escreveu, como é o caso de *Jumanji* (Joe Johnston, 1995), *Die Hard with a Vengeance* (John McTiernan, 1995) ou *Armageddon* (Michael Bay, 1998).

Para *The Punisher*, tal como assinala Mills (2013, p. 157), Hensleigh tentou aproximar-se mais do espírito de filmes *western* marcados por uma grande violência, muito ao jeito de Sam Peckinpah ou Sergio Leone⁷, mas com uma visão muito própria, como comenta o realizador numa entrevista:

I had to ask myself intellectual questions like, “To what extent do crimes against a person become so unconscionable, so heinous, that even a person who does not believe in vigilantism can resort to vigilantism in a more just way?” That was the equation for me. I told Marvel that I didn’t just want to do a revenge story, that I wanted to do the mother of all revenge stories. I wanted to ramp everything up. I can’t really go further without doing spoilers here. The underlying events that give rise to Frank Castle’s vigilantism are not from the comic. I invented a lot of that. I made it a lot worse (2004).

Lançado num período que marcaria o início da “idade de ouro” para as adaptações cinematográficas a partir de obras de Comics, *The Punisher* reflete muitas das questões essenciais da narrativa original, mas trã-las até ao período imediatamente a seguir à queda do World Trade Center em 2001 e à invasão do Iraque em 2003. O filme surge, assim, num contexto particular, especialmente porque, após a queda

⁷ Mills toma como base para esta leitura um ensaio de Lorrie Palmer (2017): “Le Western Noir”: *The Punisher* as Revisionist Superhero Western”, em que a autora defende que o filme de 2004 segue, em grande parte, o código dos filmes *western*.

das Torres, como afirma Kevin J. Wetmore (2012, p. 2), o público não estava particularmente interessado em ver filmes que reportassem diretamente aos ataques. Hollywood reagiu com comédias (cuja intenção escapista era óbvia) e com filmes com referências indiretas a este acontecimento.

Visto à luz destas circunstâncias, Punisher encaixa neste segundo tipo de filmes, pois a história Frank Castle – aqui interpretada por Thomas Jane – centra-se em algumas das questões que dominaram o período imediatamente a seguir ao ataque terrorista: a impotência governamental, a incapacidade de reação imediata, a violência e a autodeterminação em fazer justiça pelas próprias mãos.

No caso particular de *The Punisher*, isso é notório a partir do momento em que Castle perde a sua família, pois a morte da mulher e filha significa também a perda do centro do seu equilíbrio⁸. Face à incapacidade de resposta da lei perante a morte da sua família, Castle decide tomar a iniciativa e vingar-se de Saint (John Travolta), o homem que ordenou o ataque. Sem qualquer laço emocional que o prendia à vida, Castle persegue e mata todos os que colaboraram com Saint. Forma, no entanto, uma espécie de relação com os seus vizinhos que têm como base a marginalidade pois, tal como Castle, também eles são figuras à margem da sociedade. Estas relações mostram ainda que uma comunidade unida, por muito diferente que seja, quando enfrenta situações adversas consegue ultrapassá-las.

Assim, parece-nos clara a relação que o filme estabelece com os acontecimentos que o antecederam. Por um lado, a ideia de perda e, por outro, a possibilidade de vingança imediata perante uma situação marcada por uma grande injustiça. Concluída a sua missão de vingança, Castle decide suicidar-se, mas não cumpre, pois opta por renascer como The Punisher numa cena que se tornaria icónica no filme: “Those who do evil to others – the killers, the rapists, psychos, sadists

⁸ Castle é, desde logo, apresentado como alguém marcado pelos horrores da guerra. No filme de 2004 Hensleigh rescreve e atualiza alguns dos detalhes da história original fazendo com que Castle seja um veterano da Guerra do Golfo, por exemplo. Este será um dado importante quando centrarmos a nossa atenção na série de 2017.

– you will come to know me well. Frank Castle is dead. Call me... The Punisher” (*The Punisher*, 2004).

A frase final de Punisher atenta em dois aspetos particulares: o primeiro é a necessidade do protagonista continuar com a sua missão; o segundo prende-se com o facto dessa luta ecoar o que foi conhecido por “The War on Terror” – uma série de medidas caracterizadas pelo aumento da segurança nacional e internacional dos Estados Unidos como modo de combater toda e qualquer ameaça ao território norte-americano. O filme de 2008, realizado por Lexi Alexander, leva esta ideia a outro patamar.

Punisher: War Zone está diretamente relacionado com o filme de 2004 por ser um “reboot” do primeiro e porque o argumento já estava escrito. O filme de Hensleigh era suposto ser uma série sobre a personagem Punisher. Contudo, uma sucessão de pequenos problemas afetou a continuidade do projeto e, como tal, Alexander teve a oportunidade de dar uma nova vida a Punisher.

Numa entrevista dada ao site *CBR* em 2007 quando o filme estava ainda em fase de produção, a realizadora – também ex-lutadora de artes marciais – confessa estar interessada em continuar a explorar a origem de Punisher, mas também em contar uma outra história na qual a personagem está mais perto de um mundo sombrio e que melhor se adequa às suas características enquanto anti-herói.

Assim, este novo Punisher, como a realizadora afirma (2007), está no ambiente que lhe pertence, numa cidade (Nova Iorque) que é surreal e, acima de tudo, bastante violenta. O filme aproxima-se, aliás, de um outro lançado em 2008 – *Batman: The Dark Knight*, de Christopher Nolan –, não só porque a abordagem ao espaço urbano é a mesma, mas também porque Punisher e Batman são (anti)heróis com traumas muito semelhantes – a perda da família que leva à ruptura – e, principalmente, porque os vilões de cada filme apresentam pontos em comum. Se *The Joker* (Heath Ledger) é o agente do caos, Billy/Jigsaw (Dominic West)⁹ é o vilão do submundo que tenta controlar o espaço urbano por via da violência.

⁹ *Lionsgate*, a produtora do filme, é também responsável pela série de filmes *Saw*, na qual o vilão se chama Jigsaw.

Para além disso, Billy, tal como acontece a Joker às mãos de Batman, sofre nas mãos de Punisher acabando por se transformar em Jigsaw, nome que, além de salientar as deformidades físicas resultantes do encontro com o herói – a sua cara, em tempos atraente, fica transformada num *puzzle* de cicatrizes –, aponta para o lado enigmático e errático das suas ações. De acordo com a realizadora, neste filme a violência possui um papel ainda mais dominante: Punisher, interpretado por Ray Stevenson, surge com roupa escura semelhante à dos militares de operações especiais; não fala durante os primeiros 25 minutos do filme, que são dedicados inteiramente a momentos de ação; o filme tem cerca de 70% de cenas com armas e 30% de combate corpo a corpo e são usadas mais de 120 armas diferentes durante as quase duas horas de filme.

A nível visual, *Punisher: War Zone* é influenciado pelo primeiro filme com Lundgreen, pois também pretende aproximar-se do objeto original. Quer a utilização de cores, quer alguns dos enquadramentos e planos específicos tinham como objetivo transmitir a ideia que esta era uma narrativa influenciada pela imagética dos Comics. A nível de conteúdo, essa influência também é clara, uma vez que a realizadora se inspirou em números de *The Punisher* cuja narrativa sublinhava o mundo violento da personagem.

Contudo, tal como na obra de 2004, estamos perante um Punisher que, apesar de isolado, procura redenção. Embora a história original se mantenha (vingar o assassínio da sua família), o filme de 2008 acrescenta um subenredo em que Punisher mata um polícia que trabalha como agente infiltrado num grupo mafioso. Se, por um lado, o herói parece não se importar com esta situação, por outro a sua indiferença não é total, pois tenta aproximar-se da família do agente para os recomendar de alguma forma. Eventualmente, Punisher acaba por ter de salvar mãe e filha das mãos de Jigsaw e encontra aqui uma hipótese de redenção: salva uma família, apesar de não ser a sua e, ao fazê-lo, também se redime de ter matado o polícia.

Ao mesmo tempo, é importante destacar que, dentro deste contexto, o filme aborda temas que são paralelos à violência e se prendem diretamente com as suas consequências, o que aponta também para o tema da guerra. Os inúmeros atos violentos de Punisher, tal como a

violência de uma guerra, não atingem apenas os corruptos ou os vilões, pois existem vítimas inocentes. É disso que nos dá conta o título deste filme. Ao contrário dos seus antecessores, esta obra não se intitula unicamente “The Punisher”, sendo-lhe acrescentado um subtítulo que assinala a cidade como estando permanentemente em guerra. “War Zone” é um termo que designa uma zona caracterizada por extrema violência e na qual não existem regras nem códigos de ética.

Apesar desta realidade, Punisher é a personagem ideal para habitar esse espaço. A cena final dá-nos conta disso quando, para resgatar mãe e filha, é obrigado a eliminar um elevado número de membros de uma gangue num edifício. O último plano do filme sinaliza a necessidade de Punisher continuar com a sua missão de vigilante: um sinal néon com o título “Jesus Saves” passa a ler-se “Save Us” indicando que já nem a fé salva. Punisher, ou melhor, aquilo que ele representa, é a única salvação. A paz não existe sem a guerra.

2017: UM NOVO PUNISHER

Com o fraco sucesso dos filmes a nível da crítica, mas também de bilheteira, Frank Castle desaparece do grande ecrã durante quase 19 anos para surgir em 2016, como aparente vilão, na segunda temporada da série *Daredevil* (2015–), uma produção da Netflix e, um ano mais tarde, na série *Punisher* (2017–). Se os três filmes centram a sua atenção na importância da figura do vigilante, na ideia de vingança e violência e utilizam a personagem como reflexo dos problemas que a sociedade americana enfrenta, a série de 2017 explora com maior profundidade os mesmos e ainda outros temas, para além do formato episódico se aproximar da estrutura dos Comics. São três os principais temas que a série aborda: a violência, o poder e o trauma, e estes estão interligados.

A violência é, como temos visto em relação às obras anteriores, um tema central à criação original e também à origem de Punisher. Interpretado por John Bernthal – ator conhecido por ter participado na série televisiva *The Walking Dead* (2011–) –, Frank Castle vive num mundo violento e corrupto. A cidade de Nova Iorque, local onde este habita, reflete um país marcado por manifestações de violência onde

as diferentes instituições – da polícia ao governo – estão à mercê do mal e da corrupção.

A sede de poder, quase sempre nas mãos de uma América branca e privilegiada, gera uma onda de violência que pode apenas ser combatida com violência. Durante a série, Castle utiliza todo o tipo de armamento para levar a cabo a sua vingança, o que resulta numa crítica à falta de controlo relativamente às armas na sociedade americana. Paralelamente, esta é também uma forma de reflexão sobre os limites do terror, do poder e de atos abusivos de força (ABAD-SANTOS, 2017).

De fato, embora a história se mantenha muito próxima do original, *The Punisher* atualiza a narrativa de Castle: a vida do protagonista é transformada pela morte da família, mas também por ter participado na guerra no Afeganistão. Contudo, ao contrário da versão dos Comics – de modo geral, mantida nas versões cinematográficas já mencionadas – na série da Netflix a morte da família de Castle, de início aparentemente causada por um tiroteio entre gangues rivais, resulta dos atos do herói enquanto membro de uma equipe clandestina do exército norte-americano.

Formada pelos melhores entre os melhores, o grupo militar – que incluía Castle, Billy Russo (Ben Barnes) e Gunner Henderson (Jeb Kreeger), entre outros – faz parte de uma operação altamente secreta, designada por “Operation Cerberus” e liderada por William Rawlins (Paul Schulze), também conhecido por Agent Orange. É enquanto membro desta equipe de elite que Castle irá cometer uma série de atrocidades, incluindo a tortura e assassinio de Ahmad Zubair (Shez Sar-dar), um policial afegão que procurava expor o negócio de tráfico de droga encabeçado por Rawlins.

Embora, ao contrário de Russo, Castle nada saiba sobre o estratagemma montado por Rawlins, a conduta do herói é manifestamente questionável e será precisamente por causa do seu envolvimento nesta operação que, numa tentativa de o silenciar permanentemente, a família de Castle é morta. O tiroteio não é nada mais que uma elaborada operação de encobrimento que visa esconder as manobras ilícitas levadas a cabo em território afegão pelos membros da “Operation Cerberus”.

Deste modo, a série faz uma crítica mordaz não só à guerra no Afeganistão e aos verdadeiros motivos que a ela terão conduzido, mas aponta ainda o dedo ao próprio exército norte-americano, questionando o quão (i)legais foram/são as suas práticas. Ao mesmo tempo, o público apercebe-se, por um lado, de como a lealdade de homens como Castle para com a nação é facilmente manipulada por outros cuja ambição não tem limites e, por outro, é inevitavelmente levado a questionar o heroísmo e integridade moral da personagem principal.

Assim, quando no décimo segundo episódio da série, “Home”, Castle é confrontado pela Agente Dinah Madani (Amber Rose Revah) quanto ao vídeo onde um policial afegão com quem esta trabalhava é visto a ser torturado e morto, o herói não esconde que foi ele quem puxou o gatilho:

Madani: One of your targets was Ahmad Zubair.

Castle: Yes, he was.

Madani: So what happened to him? [...] Zubair was tortured.

Castle: That's right.

Madani: And then killed?

Castle: Yeah.

Madani: And you witnessed all of this?

Castle: I did. [...] Look, Madani, it's all on that tape, okay? Him, me, all of us. It damns us all.

Madani: Rawlins gave the order. Did Billy Russo pull the trigger?

Castle: No, he did not. I did.

Madani: You killed him?

Castle: Yes, I did. Like I said, it damned us all.

(*Punisher*, 1.12)

O vídeo exposto por David Lieberman (Ebon Moss-Bachrach) condena não só os vilões da história à morte às mãos de *Punisher*, como também condena o herói a uma vida assolada pela violência do passado.

De fato, tal como Rawlins e Russo, Castle é castigado (*punished*) pela morte do agente Zubair, entre outros. Afinal, parece-nos dizer a série, violência gera mais violência. Talvez também por esse motivo Castle seja assombrado por memórias da sua família. Na verdade, são frequentes as imagens em que o protagonista tem pesadelos com a família (por exemplo no episódio “3AM”, mas em particular em

“Home”), bem como cenas onde se fazem referência aos traumas da guerra e à forma como cada soldado lida com este problema. Castle, por exemplo, ao mesmo tempo que vê na violência um ato de fuga da realidade, encara as suas ações como um mal necessário e a única forma de combater o mal maior que infesta Nova Iorque, como de resto declara a Daredevil no terceiro episódio da segunda temporada com o herói de Hell’s Kitchen:

Punisher: Look around, Red. This city, it stinks. It’s a sewer. It stinks and it smells like shit and I can’t get the stink out of my nose. I think that this world, it needs men who are willing to make the hard call. I think you and me are the same!

Daredevil: That’s bullshit, Frank, and you know it!

Punisher: Only I do the one thing you can’t. You hit’em and they get back up. I hit’em and they stay down! (*Daredevil*, 2.03)

Interessa, pois, não apenas castigar os criminosos e colocá-los à mercê do sistema de justiça americano que na série *The Punisher*, em particular, está claramente pervertido, mas garantir que estes não voltarão a incorrer nos mesmos crimes. Para isso, há apenas uma solução permanente: a morte. Assim, Castle assume-me, tal como no filme *The Punisher* (1989), como juiz, jurado e carrasco.

Deste modo, *The Punisher* faz uma crítica direta ao governo e às instituições que promovem a guerra, mas que depois não apresentam soluções para aqueles que regressam e vai fazê-lo também através de outras personagens que lutam contra o stress pós-traumático da guerra. É o caso de Lewis Walcott (Daniel Webber) – personagem criada sem qualquer relação com a história original – que encontra grande dificuldade em integrar-se e ser integrado na vida civil, como nota Abad-Santos:

Walcott is confused and trapped in his own mind. Downtrodden and frustrated by a government that he believes has forgotten him, he lashes out at everyone with violence — hoping that people will see these acts, join him, and help reset the institutions and government that he feels have gone so awry. He can’t find a job and his country won’t take care of him, so he falls back on what he knows he’s good at: violence, brutality, and an eternal readiness to kill (2017, s/p).

A personagem de Walcott podia, como acrescenta ainda o autor, ser real, pois a sua história é semelhante à de soldados que combatem na guerra no Afeganistão ou, mais recentemente, no Iraque. Já Billy Russo (que se transformará em Jigsaw) integra-se na vida civil criando uma empresa de segurança – recurso de muitos ex-militares –, mas que opera em negócios obscuros e violentos.

Assim, a série da Netflix oferece outra crítica velada: aqueles que como Walcott procuram integrar-se, mas, incapazes de lidar com as sequelas psicológicas deixadas pela guerra falham, acabam por entrar numa espiral descendente, enquanto os que estão dispostos a cooperar com a corrupção e imoralidade cometidas por alguns setores da administração americana prosperam.

Todavia, nem todos os ex-militares representados em *The Punisher* se enquadram nestes dois polos: Curtis Hoyle (Jason R. Moore) é o oposto de Russo no modo como se integra na sociedade procurando equilíbrio e tentando ajudar os outros com os mesmos problemas através da criação de um grupo de apoio. É também ele quem quer impedir, de alguma forma, que Punisher (mas também Walcott) continue(m) no seu caminho de (auto)destruição. Hoyle, cujos traumas de guerra não são apenas psicológicos, mas ainda físicos – perdeu um pé no Afeganistão –, é possivelmente a personagem ex-militar mais sã e íntegra, mantendo-se leal a Castle mesmo quando a sua vida está em risco.

Estes temas têm garantido o grande sucesso da série entre polícias e soldados maioritariamente por duas razões. *The Punisher* representa bem a luta destes grupos perante a sociedade civil e responde a um governo (e outras instituições) que parecem desinteressadas em apoiá-los. A forma de justiça aplicada por Punisher – que ultrapassa em muito os limites da lei – expressa uma forma de agir que não é possível no mundo real e que funciona potencialmente como forma de escape para estes grupos. A marginalidade de Punisher, a sua relação com o mundo militar, o seu conhecimento do submundo e o reconhecimento de um mundo implacável que pode apenas ser combatido de uma forma que ultrapassa todas as regras (por não haver outra

alternativa) possibilita uma aproximação entre a personagem e o seu público¹⁰.

Porém, Punisher também é uma personagem que, tal como outros heróis, vive assombrado pelo seu passado e presente, como indica Tom Bacon:

The loyal soldier who killed for his country becomes a vigilante killer hunted by his country. The family man becomes the lone assassin. The man who burned with zealous patriotism becomes a criminal whose name is vilified by the press. These are all paradoxes, and they make the Punisher more than just an “uncompromising death dealer”; they turn him into a three-dimensional person, a man whose past and present are in conflict, and who therefore becomes fascinatingly relatable (2018, s/p).

Marcado por estes paradoxos, o caminho de Punisher é sinuoso e a série de 2017 aponta diferentes direções para o futuro. Por um lado, junto de outras personagens, como é o caso Curtis Hoyte, e vingada a sua família, poderá encontrar um caminho para a redenção. Por outro lado, e como acontece também com outras narrativas de super-heróis, o seu percurso nunca termina; daí que a primeira temporada termine com Billy Russo a transformar-se em Jigsaw, manifestação de que o mundo do mal não termina e, como tal, será sempre necessário alguém para o combater. Deste modo, se Punisher tem a hipótese de tentar regressar à vida pré-guerra, nomeadamente através do relacionamento que desenvolve com David Lieberman e a sua família – substitutos da família que Castle perdeu –, este não consegue escapar ao caminho do vigilante.

UMA BREVE CONCLUSÃO

Apesar de Punisher ter surgido num momento muito particular da cultura americana em que os heróis se tornaram mais sombrios, a sua história faz dele uma personagem intemporal que tem vindo a ser

adaptada para diferentes formatos¹¹. Embora os filmes não tenham tido grande sucesso, estes são objetos que se servem de Punisher para explorar temas centrais ao momento que estão a atravessar e que, como vimos, são de algum modo transversais a todas as adaptações. Os três filmes (1989, 2004 e 2008) encarregam-se de temas como a violência, a corrupção e a guerra. São obras que espelham realidades políticas e culturais semelhantes ao longo de quase 40 anos, já contando com a série de 2017.

Dolph Lundgreen, Thomas Jane e Ray Stevenson incorporam um homem atormentado não só pela morte da família, mas também por uma série de experiências que o marcaram, em particular as diferentes guerras (Vietnam, Guerra Fria, Afeganistão, Iraque). Em 2017, a personagem interpretada por John Bernthal luta contra vários demónios e, à semelhança dos outros Punisher, fá-lo de uma forma pouco comum.

A relação que o público estabelece com Punisher é também ela complicada. Se, por um lado, os seus atos parecem resolver vários problemas, por outro, estes são também questionáveis, nomeadamente quando a sua proficiência no uso de armamento é usada contra inocentes, como o agente Zubair. Por esse motivo, *The Punisher* vai mais além dos filmes e aborda diretamente questões que são prementes nos Estados Unidos da América, como é o uso de armas, o trauma de guerra e possíveis atos ilícitos cometidos pelo exército americano em território estrangeiro. O formato televisivo foi mais bem-sucedido do que as versões cinematográficas por conseguir aprofundar algumas destas matérias e prestar maior atenção ao lado psicológico da personagem principal e a todos aqueles que o acompanham.

Elegendo ou não a criação de 2017 como a melhor aproximação à história de Castle, as diferentes adaptações que analisámos neste estudo são objetos com uma história própria que revelam duas características essenciais: por um lado, a transversalidade da história de Castle/Punisher na cultura popular e, por outro, os temas que a sua história aborda e que parecem ser recorrentes em mais de quatro décadas

¹⁰ Todos os atores fizeram formações junto de militares de forma a prepararem-se para interpretar em *Frank Castle/The Punisher*.

¹¹ *The Punisher* surge em vários videojogos, romances, séries animadas ou dentro de histórias relativas a outros super-heróis.

de existência e que revelam paisagens que continuam a aproximá-lo da nossa complicada humanidade.

REFERÊNCIAS

- ABAD-SANTOS, Alex. "The Punisher tells a story about white male anger, wrapped in blood and guns", Vox, 10 de novembro 2017. Disponível em: <<https://www.vox.com/culture/2017/11/13/16413024/marvel-punisher-review>>. Acesso em: 10 jul. 2018.
- BACON, Tom. "Ahead OF His Netflix Solo TV Show, Why Is The Punisher So Popular?", Geeks, 11 de dezembro 2017. Disponível em: <<https://geeks.media/head-of-his-netflix-solo-tv-show-why-is-the-punisher-so-popular>>. Acesso em: 10 jul. 2018.
- CALWELL, John G. *Myths of Violence in American Popular Culture*. Critical Inquiry, Vol. 1, N. 3, março, 1975. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/pdf/1342829.pdf?refreqid=excelsior%3A0321114fa52b078a03afedd7c9784dbc>>. Acesso em: 10 jul. 2018.
- COOGAN, Peter. *The Definition of the Superhero*. In: HEER, Jeet and WORCESTER, Kent (Eds.) *A Comics Studies Reader*. Jackson: University Press of Mississippi, 2009, 77-93.
- . *Superhero: The Secret Origin of a Genre*. Austin, TX: Monkey-Brain Books, 2006.
- DONOVAN, Barna William. *Blood, Guns, and Testosterone: Action Films, Audiences, and a Thirst for Violence*. Laham, Toroton, Plymouth (UK): The Sacrecrow Press, 2010.
- MANNING, Shaun. "Director Lexi Alexander talks 'Punisher: War Zone'", CBR.com, 12 de julho 2017. Disponível em: <<https://www.cbr.com/director-lexi-alexander-talks-punisher-war-zone/>>. Acesso em: 10 jul. 2018.
- MILLS, Anthony R. *American Theology, Superhero Comics, and Cinema*. London & New York: Routledge, 2013.
- PALMER, Lorrie. *The Western Noir: The Punisher as Revisionist Superhero*. In: WANDTKE, T. R. (Ed.) *The Amazing*
- Transforming Superhero*. Jefferson: McFarland & Company, 2007, 192-208.
- STAX. "Hensleigh Talks Punisher", ING, 24 de janeiro 2004. Disponível em: <<http://www.ign.com/articles/2004/01/29/hensleigh-talks-punisher>>. Acesso em: 10 jul. 2018.
- TASKER, Yvonne. *The Hollywood Action and Adventure Film*. Chichester: John Wiley & Sons, 2015.
- WETMORE JR., Kevin J. *Post 9/11 Horror in American Cinema*. London & New York: Continuum, 2012.
- WORCESTER, Kent. *The Punisher and the politics of retributive justice*. Law Text Culture, Vol. 16, 2012, 329-352. Disponível em: <<http://ro.uow.edu.au/ltc/vol16/iss1/14>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

FILMOGRAFIA

- ARMAGGEDON. Direção: Michael Bay. Produção: Touchstone Pictures, Jerry Bruckheimer, Valhalla Motion Pictures. Intérpretes: Bruce Willis, c. 1998. (157 m).
- BAITMAN: The Dark Knight. Direção: Christopher Nolan. Produção: Warner Bros. Intérpretes: Christian Bale, c. 2008. (152 m).
- THE Big Heat. Direção: Fritz Lang. Produção: Columbia Pictures Corporation. Intérpretes: Glenn Ford, c. 1953. (82 m).
- DAREDEVIL. Criação: Drew Goddard. Produção: Netflix. Intérprete: Charlie Cox, 2016. (54 m/T2: 13 episódios)
- DIE Hard: The Vengeance. Direção: John McTiernan. Produção: Twentieth Century Fox. Intérpretes: Bruce Willis, c. 1988. (132 m).
- JUMANJI. Direção: Joe Johnston. Produção: TriStar Pictures. Intérpretes: Robin Williams, c. 1998. (104 m).
- THE PUNISHER. Direção: Mark Goldblatt. Produção: New World Pictures (Australiá). Intérpretes: Dolph Lundgreen, c. 1989. (89 m).
- THE PUNISHER. Direção: Jonathan Hensleigh. Produção: Lions Gate Films. Intérpretes: Thomas Jane, 2004. (140 m).

PUNISHER: War Zone. Direção: Lexi Alexander. Produção: Lionsgate. Intérprete: Ray Stevenson, 2008. (103 m).

THE PUNISHER. Criação: Steve Lightfoot. Produção: Netflix. Intérprete: John Bernthal, 2017. (53 m/T1: 13 episódios).

9 *Arrowverse* e a Crise na Terra X: um *crossover* entre ficção e realidade

Michelly Lira

